

ESCOLA DE GUERRA NAVAL  
CF VINÍCIUS MENDONÇA DOS SANTOS

COSTA MARÍTIMA CHINESA EM CRISE:  
ações e reações no Estreito de Taiwan

Rio de Janeiro

2022

CF VINÍCIUS MENDONÇA DOS SANTOS

COSTA MARÍTIMA CHINESA EM CRISE:

ações e reações no Estreito de Taiwan

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por proporcionar-me saúde e sabedoria na realização desta presente dissertação da melhor forma possível durante o atual cenário mundial de recuperação da saúde populacional, logo após um período extenso de Pandemia.

À minha amada esposa C-EMOS 2022 pela compreensão dos momentos de ausência e pelo apoio que tem me dedicado nos diversos desafios que assumi ao longo da minha vida profissional. Obrigado por absorver os problemas e compartilhar os momentos felizes.

Ao meu amado filho C-EMOS 2022, por gerar motivação e aprendizado diário na busca de ser um pai cada vez melhor e por transformar meus dias mais interessantes. Tenho muito orgulho de ver o ser humano que está se tornando

De maneira particular, ao meu orientador C-EMOS 2022, pela admirada dedicação ao ministrar excelentes aulas aos Oficiais Alunos deste Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS). Foi notório seu entusiasmo ao longo do meu direcionamento no desenvolvimento da dissertação.

À Escola de Guerra Naval por propiciar condições adequadas para a confecção deste trabalho acadêmico com excelentes profissionais e instalações no Estado da Arte.

Aos companheiros do C-EMOS do ano de 2022, pelo excelente convívio, amizade e troca de experiências profissionais. Em especial, ao meu amigo AO C-EMOS 2022, pelo suporte preciso acerca das peculiaridades da formatação deste trabalho e por estar sempre solícito a ajudar seus colegas nas diversas tarefas atinentes às disciplinas do curso.

Finalmente, aos meus pais por terem sido meu porto seguro nos momentos mais difíceis ao longo da solidificação do meu carácter e da minha inicialização profissional.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo chamar a atenção do leitor, já no capítulo introdutório, para a relevância das crises no litoral marítimo da costa chinesa no que se refere ao cenário internacional com destaque aos aspectos econômico; industrial e a militar, cada vez mais conectado pela globalização e dependente da República Popular da China (RPC).

Consecutivamente, apresentamos no terceiro e no quarto capítulo a participação política dos atores estatais envolvidos na Primeira Crise no Estreito de Taiwan (1954-1955) e a Terceira Crise no Estreito de Taiwan (1995-1996). Procurando correlacionar os fatos ocorridos com as Estratégias de Ação Direta, Indireta e Nuclear analisadas no segundo capítulo teórico.

No quinto capítulo, comparamos as citadas crises sob a luz das doutrinas mencionadas, apresentando as similaridades e singularidades encontradas em cada uma das duas crises analisadas.

Como resultado, em nossas considerações finais, tornamo-nos capazes de identificar, tanto as similaridades e singularidades entre as crises, quanto o reconhecimento da RPC como potência regional, trilhando incipientes ações de estratégia A2/AD.

**Palavras-chave:** Crises. Estreito de Taiwan. Estratégias de Ação Direta e Indireta. Reconhecimento da RPC. A2/AD

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Estratégia A2/AD da RPC.....	54
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A2/AD –	Anti-acesso e Negação de Área
CSNU –	Conselho de Segurança das Nações Unidas
CNUDM –	Convenções das Nações Unidas sobre Direito do Mar
EUA –	Estados Unidos da América
CSG –	<i>Carrier Strike Group.</i>
ex-URSS –	Antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
KMT –	Kuomintang
PCC –	Partido Comunista Chinês
PLAN –	<i>People's Liberation Army Navy</i>
RC –	República da China
RPC –	República Popular da China
SGM –	Segunda Guerra Mundial
TDM –	Tratado de Defesa Mútua

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA RELACIONADA ÀS CRISES .....</b>	<b>10</b>
2.1	ESTRATÉGIA DE AÇÃO DIRETA .....	10
2.2	ESTRATÉGIA DE AÇÃO INDIRETA .....	14
2.3	A ESTRATÉGIA NUCLEAR.....	17
2.4	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	19
<b>3</b>	<b>A PRIMEIRA CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN .....</b>	<b>20</b>
3.1	RELAÇÕES ENTRE ESTADUNIDENSES E RC ANTES DA PRIMEIRA CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN (1954-1955).....	20
3.2	INTERAÇÕES DOS ATORES NA PRIMEIRA CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN .....	24
3.3	OS TRÊS OBJETIVOS DA RPC AO INICIAR A CRISE .....	24
3.4	TRÊS INICIATIVAS DOS EUA PARA ACABAR COM A CRISE .....	28
3.5	FIM DA ESTRATÉGIA DEFENSIVA DOS NORTE-AMERICANOS.....	30
3.6	ESTRATÉGIA DA DISSUAÇÃO NUCLEAR.....	31
3.7	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	32
<b>4</b>	<b>FATOS PRECURSORES À TERCEIRA CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN (1995-1996)....</b>	<b>34</b>
4.1	FALSO PRESSÁGIO DE PAZ .....	34
4.2	O FIM DA BIPOLARIDADE DURANTE E CRISE TAIWANESA .....	36
4.3	ELEMENTOS PARA ANÁLISE DA ATUAL ESTRATÉGIA MILITAR CHINESA .....	40
4.4	ELEMENTOS DA ATUAL ESTRATÉGIA MILITAR NORTE-AMERICANA.....	41
4.5	ESTRATÉGIA DE AÇÃO NUCLEAR .....	42
4.6	CONSIDERAÇÃO PARCIAL.....	43
<b>5</b>	<b>ANÁLISE COMPARATIVA DAS DUAS CRISES .....</b>	<b>44</b>
5.1	SIMILARIDADES .....	44
5.2	SINGULARIDADES.....	46
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>
	<b>ANEXO A.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Começamos o presente estudo despertando o interesse do leitor para alguns aspectos característicos do Leste do continente Asiático. Durante décadas, acompanhamos seu crescente destaque no cenário político e econômico experimentado no Mar da China. Nesse contexto, vários setores prosperaram e ganharam importância no litoral marítimo asiático com o suporte do desenvolvimento tecnológico, dentre eles sublinhamos alguns como: transporte, indústria marítima, exploração do petróleo e gás, fontes de energia renovável eólica, turismo e inúmeros outros.

Não obstante, veremos em nosso trabalho que para atravessá-lo é necessário navegar por estreitos e pontos de passagem de notório valor estratégico, pois a costa chinesa é circundada por uma espécie de arco de Estados arquipelágicos conhecidos como Primeira Cadeia de Ilhas. Testemunharemos também que o controle dessa região e suas rotas marítimas apresentaram papel estratégico primordial, pois já afetava grande parte do comércio mundial e, por essa razão, as atenções voltaram-se para os atritos entre a República Popular da China (RPC) e a República de Taiwan (RC).

Historicamente, a RPC estava sob controle dos nacionalistas quando os japoneses a invadiram em 1937. Porém, com a retirada dos japoneses após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os comunistas liderados por Mao Tsé-Tung (1893-1976)<sup>1</sup> aproveitaram a fragilidade política e assumiram o poder no início do contexto da Guerra Fria (1947-1991). Dessa

---

1 Mao Tse-Tung foi um político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês. Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China, governando o país desde a sua criação em 1949 até sua morte em 1976 (TERRILL, 2000).



forma, restou aos Nacionalistas representados pelo general Chiang Kai-shek (1887-1975)<sup>2</sup> se refugiarem numa ilha do litoral onde hoje chamamos de Taiwan.

Dessa forma, o Leste asiático tornou-se palco de disputa de influência no campo militar também protagonizadas pelas potências nucleares como Estados Unidos da América (EUA) e a ex-URSS em plena Guerra Fria, quando observaremos algumas crises de grandes proporções.

A relevância dessa região brevemente exposta convida-nos a ampliarmos nosso conhecimento sobre ela. Sendo assim, faremos uma dissertação adotando como objetos de nosso estudo a Primeira Crise no Estreito de Taiwan (1954-1955) e a Terceira Crise no Estreito de Taiwan (1995-1996). Cabe ressaltarmos que em ambas as crises manteremos nosso foco limitado aos seus respectivos períodos.

Adicionalmente, destacamos que não nos valeremos da formulação e emprego de hipóteses ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho. Todavia, com objetivo de melhor direcionarmos nossa pesquisa, buscaremos respostas detalhadas à seguinte questão: Quais as similaridades e singularidades podemos identificar nas duas crises mencionadas ao considerarmos os aspectos estratégicos e os fatos ocorridos?

Face ao exposto, estruturaremos nossa dissertação em seis capítulos direcionando-nos da seguinte forma: no primeiro, constará esta introdução; no segundo, o suporte teórico que reforçará o entendimento das ações realizadas pelos entes estatais; no terceiro e no quarto, a descrição das duas crises sob a ótica das estratégias adotadas pelos envolvidos; no quinto, a comparação das duas crises tendo como base os questionamentos levantados e,

---

2 Chiang Kai-shek, foi um político e militar chinês que atuou como presidente da República Popular da China de 1928 a 1949, e depois de Taiwan de 1950 a 1975.

por fim, no capítulo conclusivo, pretendemos chegar a um consenso sobre o questionamento apresentado, bem como uma proposição para futuros trabalhos relacionados ao tema em questão.

Finalmente, ao encerrarmos a apresentação deste capítulo introdutório, prosseguiremos com nosso trabalho, inserindo o embasamento teórico que nos permitirá compreender os fatos transcorridos de forma mais abrangente possível, conforme a premência temporal alocada permitir.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA RELACIONADA ÀS CRISES

O presente capítulo tem uma contribuição importante para este trabalho, nele encontraremos conceitos teóricos elencados pelo General Meira Mattos<sup>3</sup> no seu livro *Estratégias Militares Dominantes* (1986), os quais suportam o entendimento e a reflexão sobre os acontecimentos mencionados no desenvolvimento deste trabalho. Ao observarmos um pouco da história dos conflitos no Estreito de Taiwan, seremos capazes de identificar com nitidez algumas diferenças de estratégia adotada entre os atores envolvidos.

Dessa forma, faz-se mister no decorrer deste capítulo elucidarmos alguns conceitos relativos as estratégias chamadas de Ação Direta, Ação Indireta e Dissuasão Nuclear empregadas pela política estatal, conforme constam neste capítulo teórico.

### 2.1 ESTRATÉGIA DE AÇÃO DIRETA

Conforme mencionou Karl von Clausewitz(1780-1831)<sup>4</sup> no livro clássico “Da Guerra”, o objetivo político da guerra é destruir as forças militares do inimigo tomando seu território. Como Estratégia militar para alcançar esse objetivo político, o escritor indica travar a batalha, concentrando as forças e atacando a massa principal do inimigo para decidir o combate, de preferência, num só golpe surpreendente no seu centro de gravidade. É a chamada Estratégia de Ação Direta<sup>5</sup> (CLAUSEWITZ *apud* MATTOS, 1986).

---

3 General Meira Mattos, foi professor de Geopolítica da Escola Superior de Guerra, Escola de Guerra Naval e da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica. Obteve o título de doutor em Ciências Políticas pela Universidade Mackenzie.

4 Foi um militar do Reino da Prússia que ocupou o posto de General e é considerado um grande estrategista militar e teórico da guerra. Teve sua primeira experiência militar aos 12 anos na campanha que expulsou os Franceses da Renânia em 1793.

5 Estratégia de Ação Direta, segundo Clausewitz a destruição da força militar do inimigo é o principal princípio de guerra e o caminho direto para atingir o objetivo da guerra (MATTOS, 1986, p.29.).

Clausewitz introduziu o conceito de massa que deu nova configuração aos exércitos, quando incitou ao recrutamento do cidadão. Os combatentes passaram a lutar pela defesa da sua Pátria e não mais pelo interesse do rei ou apenas por um pagamento como mercenário. Como exemplo, exaltamos o sucesso do exército nacional de Napoleão Bonaparte que se apresentou de maneira imbatível por vários anos (MATTOS, 1986).

De forma mais didática, a afirmação de Clausewitz que simplificou a guerra como a continuação da Política por outros meios, não raro, demonstrou como a ameaça da truculência estatal foi, e, ainda é, usada como artifício para ampliação do poder político, com finalidade de ganhos econômicos e manutenção de posições estratégicas (MATTOS, 1986).

Destarte, temos exemplos históricos no Sudeste asiático que nos levam a compreensão de que a imposição de interesses políticos pela força é uma prática perene e cada vez mais frequente dos Estados mais preparados belicamente, especialmente a partir do desenvolvimento tecnológico e após a revolução dos transportes e da comunicação.

O pensamento de Clausewitz trouxe-nos a possibilidade de criarmos um paralelo com a conhecida Estratégia de Ação Direta empregada, de preferência, por grandes potências.

Nesse sentido, vejamos o que disse o próprio Clausewitz:

A destruição da força militar do inimigo, é o principal princípio de guerra e o caminho direto para atingir o objetivo da guerra. Esta destruição da força militar do inimigo deve ser executada, essencialmente, por meio da batalha. Somente grandes batalhas podem traduzir grandes resultados. Os resultados serão mais efetivos quando a decisão puder ser obtida através de uma única e grande batalha. Somente uma grande batalha comandada diretamente pelo general-em-chefe inspirará maior confiança no chefe e nos seus subordinados<sup>6</sup> (CLAUSEWITZ *apud* MATTOS, 1986, p 29)

Corroborando o que foi exposto, inferimos que o posicionamento de Clausewitz focou na destruição da força militar do inimigo, por meio de ações como a surpresa tática e a

---

6 Tradução do autor: MATTOS, 1986, P.29.

concentração de forças, denominada massa, para atingir o centro de gravidade do dispositivo inimigo numa batalha decisiva (MATTOS, 1986).

Considerando o objetivo estratégico principal como sendo a aniquilação das forças oponentes, Clausewitz não descartou a destruição de forças secundárias do inimigo, quando forem importantes para o sucesso das operações, normalmente ligadas a conquista de objetivos geográficos em posições-chave necessários a progressão futura no terreno (MATTOS, 1986).

Chamamos a atenção para a crescente importância militar e econômica atualmente dada à posse de postos marítimos avançados, sejam pela conquista de ilhas ou, até mesmo, pela construção daquelas artificiais situadas nas rotas marítimas ou em pontos avançados do litoral. Nesse quesito, o Mar da China é o local de maior ocorrência no planeta, devido ao ousado planejamento de avanço por meio da territorialização do mar em andamento pela RPC.

Em conformidade a nossa colocação, Robert D. Kaplan no seu livro *A Vingança da Geografia* (2013) relatou que, após o fim da Guerra Fria (1947-1991), a RPC intensificou seus investimentos em Força Naval e Força Marítima, uma vez que a fronteira com a Rússia não representava mais uma iminente ameaça. Passou a constar, entre seus objetivos, tornar-se uma marinha oceânica nos moldes do Poder Naval<sup>7</sup> e Marítimo apresentados por Mahan (1840-1914).

Entretanto esta missão é de difícil implementação. Existe uma Cadeia de Ilhas englobando Japão, Ilhas Ryukyu<sup>8</sup>, península coreana, Taiwan, Filipinas, Indonésia e até mesmo a

---

7 Poder Naval é um dos componentes da expressão militar do Poder Nacional, compreende os meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais; infraestruturas de apoio; e as estruturas de comando e controle, de logística e administrativa atuante no mar, nas águas interiores e em certas áreas terrestres limitadas pelo interesse das operações navais, incluindo o espaço aéreo sobrejacente (BRASIL, 2017).

8 São uma cadeia de ilhas japonesas que se estendem a Sudoeste de Kyushu até Taiwan.

Austrália. Todas elas são aliadas aos norte-americanos e, por conseguinte, vista pela RPC como uma espécie de muralha ou postos de vigilância. Vejamos o exemplo da RC em Taiwan que se bem armada atingiria pontos estratégicos do interior muito além da costa da RPC (KAPLAN, 2013)

Destacamos que é factível percebermos que o fenómeno da globalização da produção, somado ao desenvolvimento tecnológico e, em maior grau, à reforma legislativa no âmbito internacional, como a CNUDM<sup>9</sup>, acabaram fomentando a disputa por pequenas ilhas. Estas tornaram-se detentoras de Mar Territorial inviolável e uma extensa Zona Económica Exclusiva para exploração pelo Estado costeiro de até 200 milhas Náuticas a partir da costa.

Tratando-se de estratégia e seus objetivos, notamos que a Estratégia de Ação Direta posta em vigor por Clausewitz, foi reforçada posteriormente pela Estratégia de Guerra Nuclear<sup>10</sup>, quando o General Beaufre (1902-1975), seu maior teórico, tornou muito real e exequível a Estratégia de Ação Direta de Clausewitz, ao vislumbrar a destruição total do inimigo (MATTOS, 1986).

Finalmente, depois de analisarmos a forma como Clausewitz transformou a força principal do inimigo no objetivo principal a ser aniquilado numa batalha definitiva, por dever de reconhecimento, cabe-nos o enxergar como o precursor da Estratégia de Ação Direta. Entretanto, apesar da história nos mostrar que suas ideias foram postas em prática, surgiram teóricos que desenvolveram uma tese com visão oposta denominada de Estratégia de Ação Indireta como veremos na subseção a seguir (MATTOS, 1986).

---

9 CNUDM, Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, documento concluído em Montego Bay, Jamaica, em 10 de dezembro de 1982.

10 Estratégia de Guerra Nuclear, conceito destacado pelo General Beaufre no seu livro *“Introdução a la Strategie”*, publicado em 1963.

## 2.2 ESTRATÉGIA DE AÇÃO INDIRETA

Sobre esta nova ótica temos o comentário do General Beaufre (1902-1975)<sup>11</sup>, quando referiu-se a Estratégia de Ação Indireta como uma variação bélica que entra no lugar da guerra total, vista posteriormente como impraticável pela possibilidade de destruição mútua pelo emprego da bomba nuclear (BEAUFRE *apud* MATTOS, 1986).

A Estratégia de Ação Indireta, seria a milenar estratégia do escritor militar chinês Sun Tzu (544 a.C.-496 a.C.), que visa conquistar a vitória baseada na surpresa e nas manobras diversionárias, gerando a desagregação psicológica, contornando o choque, ou a batalha com as forças principais do inimigo. Neste ponto, atentamo-nos para o posicionamento estratégico da RPC com relação a impossibilidade de confronto direto com os norte-americanos no que tange as discordâncias sobre o futuro da RC em Taiwan (MATTOS, 1986).

Aprofundando-nos mais sobre a Estratégia de Ação Indireta, a qual desponta como primeiro teórico o chinês Sun Tzu que teve como discípulo mais atual Mao T sé-Tung, quando aplicou essa doutrina focada mais na desintegração moral do inimigo do que na sua desordem tática e manobras diversionárias. Em decorrência, a estratégia do autor chinês não leva em conta o fator tempo, o que nos leva a imaginarmos numa manobra prolongada que aguarda pacientemente seus resultados causadores da dissolução psicológica e moral do adversário (MATTOS, 1986).

Podemos identificar claramente nas suas ideias, que Sun Tzu ateve-se menos as técnicas e táticas operacionais para permitir intensificação em normas e diretrizes gerais habilitadas a conduzir a vitória definitiva (MATTOS, 1986). Nesse sentido, Sun Tzu defendeu a

---

11 André Beaufre, foi um General do Exército da França. Além de grande estrategista militar, tornou-se expoente na defesa de uma força nuclear francesa independente.

tese de que a batalha deve ser vencida mais pela manobra do que pelo confronto militar, desenvolveu uma filosofia relacionada à vitória sem a necessidade de chegar a combater.

Face ao que foi exposto, é possível inferirmos que Sun Tzu julgou ser mais conveniente derrotar o exército inimigo sem necessitar atacar, do que ocupar cidades inimigas causando destruição. Assim, em sua visão, devemos priorizar ganhar o território evitando os prejudiciais choques sangrentos.

Por tal razão, não concebe a guerra em termos de extermínio e danos ao local, logo optou pela vitória preservando e tirando proveito da integridade das forças inimigas e os bens do seu território. Como vemos, o conceito é o inverso do tradicional princípio de Clausewitz, que tanta preponderância teve no pensamento estratégico militar do Ocidente nos últimos 200 anos (MATTOS, 1986).

Sun Tzu foi o precursor da doutrina da relevância atribuída a informação na estratégica durante o planejamento. Segundo ele, analisar detalhadamente a capacidade do inimigo contribui terminantemente para acelerar a decisão militar. Mostra a importância dos efeitos da guerra sobre a economia inimiga, somado aos danos morais de um conflito bélico prolongado que favorece aquele que consegue manter a coesão social por mais tempo (MATTOS, 1986).

Para Sun Tzu, o Exército é o meio destinado a atacar o inimigo antecipadamente deteriorado. Por essa razão, afirmou que antes das hostilidades bélicas, os agentes secretos devem agir clandestinamente para gerar problemas na coesão interna de modo a prejudicar as forças inimigas (MATTOS, 1986).

A título de ilustração, é plausível apresentarmos os boatos falsos, as desinformações e as campanhas de desmoralização das autoridades civis e militares, enfim, tudo que gera



desavença e falta de credibilidade dos pelotões inimigos perante seu povo. A partir dessa informação, compreendemos com maior exatidão o desejo da RPC de influenciar nas eleições internas da RC, ao realizar ameaças com exercícios militares no litoral de Taiwan.

Sun Tzu constatou que, na guerra, é melhor conquistar o país inimigo, ou seja capturar o Exército inimigo é melhor do que extingui-lo. Por conseguinte, citou que obter uma centena de vitórias por meio de uma centena de batalhas não representa a melhor estratégia, logo vencermos o inimigo sem a necessidade de combater significa a melhor estratégia (TZU *apud* MATTOS, 1986).

O autor ainda concluiu que a nossa iniciativa na seleção do campo da batalha coloca-nos em vantagem. Com isso, os generais conduzem o inimigo ao campo de batalha que escolheram, evitando aqueles escolhidos pelo oponente (MATTOS, 1986). Assim sendo, parece-nos que a opção da RPC de atacar primeiro a ilha de Taiwan, mantendo a iniciativa das ações no Teatro de Operações de sua preferência, corrobora com o que foi dito, pois a PRC com seu extenso litoral poderia ser invadida pelo litoral de Norte a Sul.

Chamo a nossa atenção para verificarmos o valor estratégico atribuído pelos Estados a manutenção da posse das ilhas ou pontos geográficos que proporcionem segurança, ganho em mar territorial e controle de rota marítima comercial. Tal situação pode ser confirmada, à luz dos ensinamentos de Mahan (1840-1914), se olharmos para os fatores motivacionais dos conflitos no Mar da China de modo geral.

Por fim, diante do que vimos, somos capazes de ratificar a consagração da estratégia de Ação Indireta iniciada por Sun Tzu. Uma rápida análise nos permite confirmarmos o emprego da doutrina na estratégia de Mao Tsé-Tung na busca pela consolidação da RPC,

quando foi obtida experiência nas escaramuças do Exército Vermelho contra as forças do Kuomintang<sup>12</sup> liderado por Chiang Kai-Chek.

Não obstante, se adotarmos uma perspectiva com maior abrangência geográfica, veremos que a doutrina também foi utilizada na longa Guerra do Vietnam (1955-1975), quando os vietcongues lograram êxito contra as forças francesas e depois as norte-americanas após quase 20 anos de luta. Da mesma forma, pudemos ver a ocorrência do êxito da guerra revolucionária comunista na América Central e Caribe, sendo Cuba principal exemplo.

### 2.3 A ESTRATÉGIA NUCLEAR

Esta estratégia teve seu início após a fabricação da bomba atômica, baseada nos avanços no campo da fissão nuclear, foi monopólio norte-americano nos anos de 1945 até 1949 (MATTOS, 1986). Percebemos que, até mesmo nos dias de hoje, poucos Estados dispõem dessa capacidade de ataque, pois persistem a necessidade de investimentos em alta tecnologia e as dificuldades impostas pelas superpotências.

Apesar dessa barreira, a ex-URSS colocou em prática sua primeira bomba de fissão nuclear em 1949, tornando-se um rival dos norte-americanos também nesse campo. Após esse feito, fica fácil notarmos que a corrida armamentista entre as duas superpotências atingiu outro nível, seja em capacidade de destruição ou quantidade. Constatamos também que outros países como Reino Unido, França, Israel, Índia, Paquistão e China, todos com menor capacidade, conseguiram entrar no grupo dos nucleares (MATTOS, 1986).

---

12 Conhecido como Partido Nacionalista Chinês, é o partido político que historicamente tem governado a República da China (RC) (KISSINGER, 2011).

Intrigante reparamos que este cenário geopolítico da guerra nuclear, apesar de ter evoluído em quantidade de atores, tornou-se paralisante. As duas superpotências principais acumularam enormes arsenais e dispõem de inúmeros meios de lançamento intercontinental que junto a dispositivos de vigilância recíproca, detecção eletrônica e resposta imediata forjaram uma paralisia estratégica oriunda da certeza da destruição mútua (MATTOS, 1986).

Essa garantia da destruição mútua criou o terror nuclear, por meio de uma reação prejudicial, inclusive, ao próprio atacante. De certa maneira, deparamo-nos com um empecilho ao emprego que leva as superpotências preferirem negociarem, renunciando a luta total idealizada por Clausewitz (MATTOS, 1986).

Por essa razão, assistimos as superpotências resolverem frequentemente suas disputas indiretamente em teatro de operações fora de seus territórios, estimulando as guerras convencionais e a guerra revolucionária nos países aliados. Na história recente, identificamos experiências que confirmam tal fato, como foi o caso dos confrontos na Península da Coreia (1950-1953) e no Vietnã.

A fim de corroborar com o nosso entendimento teórico, é conveniente lembrarmos da citação pertinente do General francês André Beaufre, ao afirmar que “a estratégia total da atualidade comporta uma combinação das Estratégias da Dissuasão Nuclear e da Ação Direta” (BEAUFRE *apud* MATTOS, 1986, p.46). Partindo dessa análise, é exequível inferimos que a Estratégia de Dissuasão e a Estratégia da Ação Direta são complementares.

Sobre o emprego mais atual da Estratégia de Dissuasão, presenciamos o receio da destruição mútua<sup>13</sup> paralisar as ações táticas no campo nuclear entre os Estados detentores. Na mesma medida, é factível notarmos estímulo à escalada nuclear, pois nenhum dos rivais

---

13 Tradução do Inglês: *Mutal Assured Destruction* (MAD). A Destruição Mútua Assegurada é uma Doutrina de Estratégia militar onde o uso maciço de armas nucleares por um dos lados iria efetivamente resultar na destruição de ambos os contentores.

consente que o outro o supere em meios de destruição. À vista disso, também houve incentivo as ações secundárias, como a guerra convencional e guerrilha revolucionária (MATTOS, 1986).

Assim sendo, os Estados Unidos da América vêm ampliando um ativo programa de fabricação de armas incluindo-se artilharia nuclear com canhões convencionais capacitados a operar projéteis nucleares com bases instaladas na Europa, em território dos países aliados do Pacto do Atlântico (OTAN)<sup>14</sup> e de bases de lançamento dos chamados mísseis intermediários do tipo míssil cruzeiro (MATTOS, 1986).

## 2.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

Neste capítulo, procuramos apresentar as definições conceituais e os respectivos autores mais importantes das teorias abordadas. Essas citadas teorias estarão presente nos dois capítulos do desenvolvimento deste trabalho que se seguem. Dessa forma, fornecerão suporte e, ao mesmo tempo, ajudarão a esclarecer as ações adotadas pelas autoridades dos entes geopolíticos envolvidos nas primeira e terceira crise no estreito de Taiwan na década de 1950 e no ano de 1996, respectivamente. Não obstante, ao longo do desenvolvimento serão feitos apontamentos referentes as teorias e fatos históricos correlatos, a título de confirmação.

Dessa maneira, no próximo capítulo, buscaremos identificar se houve alguma relação entre o domínio de armamento nuclear por parte dos EUA e o desfecho da crise do estreito de Taiwan, ocorrida entre 1954 e 1955.

---

14 Organização do Tratado do Atlântico Norte(OTAN) é um organismo supranacional que tem como objetivo garantir a segurança dos Estados membros.

### 3 A PRIMEIRA CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN

A China possui na sua história vários conflitos territoriais, mas a crise entre a República da China (RC), situada na ilha de Taiwan, e a República Popular da China (RPC) no continente tem sido apontada por vários analistas como preocupante para a definição do futuro regional e até mesmo mundial. Taiwan e as ilhas Pescadores<sup>15</sup> juntamente com ilhas offshore adjacentes à costa chinesa estiveram sob o controle da República da China (RC) num cenário de contestação por parte da China continental (MATSUMOTO, 2012).

Neste capítulo, faremos uma apresentação da Primeira Crise no estreito de Taiwan (1954 e 1955), a fim de entendermos melhor o conflito. Contaremos com o auxílio das doutrinas presentes no capítulo teórico de forma a subsidiar nosso entendimento acerca dos interesses motivacionais dos atores envolvidos. Citaremos como a Primeira Crise do Estreito de Taiwan transcorreu durante a participação dos atores estratégicos da RC, na ilha de Taiwan, RPC e dos Estados Unidos da América. Ao final, chegaremos a um consenso de que a convergência e divergência de interesses e objetivos dos três atores resultaram num impasse no Estreito de Taiwan que basicamente permaneceu latente gerando a ocorrência de uma próxima crise.

#### 3.1 RELAÇÕES ENTRE ESTADUNIDENSES E RC ANTES DA PRIMEIRA CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN (1954-1955)

Em setembro de 1954, o Exército Popular de Libertação (PLA) iniciou bombardeios sob a ilha de Quemoy<sup>16</sup>, evoluindo para uma crise militar entre a RPC num extremo, a RC e os

---

15 Ilhas Pescadores são um grande grupo de ilhas composto por 90 pequenas ilhas, cobrindo uma área de 141 quilômetros quadrados, localizadas a cerca de 25 milhas da costa oeste de Taiwan, no estreito de Taiwan (KISSINGER, 2012).

16 Arquipelago administrado pela República da China (RC) no Estreito de Taiwan.

Estados Unidos da América em outro. Ao deflagrar a Guerra da Coreia, a RC buscou sua autoafirmação, descrevendo uma estratégia ousada para permanecer com o apoio dos norte-americanos, já que perdia prioridade durante o mandato da presidência de Harry Truman compreendido entre 1945 e 1953 (MATSUMOTO, 2012).

Antes da Primeira Crise do Estreito de Taiwan, os governistas estadunidenses deram a Chiang Kai-shek esperança de sucesso de ações militares no continente, traduzida como mais apoio dos Estados Unidos da América. Em especial, após a eclosão da Guerra da Coreia, quando o governo Truman emitiu ordem para se fazer presente no Estreito de Taiwan (MATSUMOTO, 2012).

Dessa forma, RC ganhou notoriedade militar e econômica com o reforço da Sétima Frota da Marinha dos Estados Unidos da América, que logo rumou para o Estreito, evitando um confronto militar desenfreado entre a RPC e a RC. A estratégia de RC era manter os americanos motivados a apoiar sua defesa e para tanto buscou solidificar acordos sino-americanos sobre segurança conjunta de Taiwan (MATSUMOTO, 2012).

É possível apontarmos que o plano vislumbrado por Chiang Kai-shek tinha como ponto fundamental assegurar o apoio dos Estados Unidos da América e ao mesmo tempo impedir que os norte-americanos passassem para o lado de RPC.

Também tornou claro aos norte-americanos que a decisão de fazer valer a posse da RC sobre Taiwan, demonstraria firmeza da validade da Declaração do Cairo, da Declaração de Potsdam<sup>17</sup> e do Instrumento de Rendição do Japão como acordos internacionais legais determinantes. Com esse feito, o governo da RC acreditava que poderia colocar a RPC em uma posição embaraçosa (MATSUMOTO, 2012).

---

17 Foi a declaração, emitida em julho de 1945, que exigia a rendição de todas as forças armadas japonesas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Fez entender que a Rússia já obtivera proveito de seus acordos na Manchúria sob os regimes chineses. Na mesma medida, os EUA poderiam fazer valer seus direitos acordados e ainda o usaria para inibir as relações entre os russos e a RPC, destacando os privilégios soviéticos na RPC. Por analogia, a retirada dos EUA de Taiwan só se daria mediante a partida da ex-Rússia da Manchúria obtida pelo acordo sino-soviético de 1945 (MATSUMOTO, 2012).

Com a Guerra da Coreia, o embaixador Norte-americano em Taipei Karl L. Rankin, deixou a entender que a função da ajuda militar dos EUA à RC havia se alterado da defesa para o ataque. Isso foi exequível, pois os norte-americanos tinham um controle seguro sobre as autoridades da RC ao conseguir regular as operações militares de retorno ao continente chinês (MATSUMOTO, 2012).

O presidente Dwight Eisenhower tomou posse do cargo de presidente em 1953 e ratificou o novo rumo da política adotada ao passar a não se opor as operações militares da RC contra a RPC. A partir de então, a Sétima Frota dos EUA destinada a região não impediria mais a RC de lançar ofensivas contra a RPC e, por essa razão, o presidente da RC entendeu que deveria estar preparado para a mudança de política de defensiva para ofensiva (MATSUMOTO, 2012).

Identificamos com esse novo posicionamento uma mudança de estratégia por parte dos Estados Unidos da América e a RC. Destarte, a Estratégia mais cautelosa e paciente da Ação Indireta nos moldes de Sun Tzu começou a ceder lugar para a Estratégia da Ação Direta trazida por Clausewitz. Segundo nossos comentários no capítulo teórico, esta última visa a vitória numa batalha decisiva mediante a aplicação da força bélica concentrada (MATTOS, 1986).

A nova decisão norte-americana de assumir maior responsabilidade na região, inclusive, apoiar o retorno ao continente da RC, instigou Chiang Kai-shek a mudar de atitude,

passando de apenas sobreviver, como era antes da Guerra da Coreia, para uma mais agressiva em atingir seu o retorno ao continente (MATSUMOTO, 2012).

Segundo a visão de Chiang Kai-shek, a ex-URSS mantinha estratégia de ampliar seu domínio sobre o mundo sem se envolver diretamente em combate com grandes Estados. Diante disso, julgou que o caminho para uma contra-ofensiva conjunta com os Norte-americanos no continente chinês estava aberto. Logo era fundamental persuadir o governo estadunidense de que o envolvimento soviético diretamente no conflito seria inviável (MATSUMOTO, 2012).

Chiang Kai-shek entregou ao Almirante Radford em 1954, dois planos de contra-ofensiva contra a RPC. Um deles baseou-se na formação emergencial de mais 300.000 soldados para se juntarem ao contingente atual de 500.000 membros que já possuía, passando para 40 divisões. Já o outro plano poderia ser implementado dentro de três anos para prontificação de um exército com mais de 60 divisões (MATSUMOTO, 2012).

Deprendemos dos planos de Chiang Kai-shek que a intenção da RC era elevar o nível da crise de política e diplomática para militar nos moldes de Clausewitz<sup>18</sup>, aproveitando a oportunidade ofertada pela aparente mudança de posicionamento dos estadunidenses. Com isso, identificamos pelas ações da RC uma forte similaridade com a Estratégia da Ação Direta emanada por Clausewitz, constante no capítulo teórico deste trabalho.

---

18 Segundo o autor, o objetivo político da guerra é destruir as forças militares do inimigo tomando seu território. O escritor alemão recomendou buscar a batalha, concentrando as forças e atacando a massa principal do inimigo para decidir o combate, num só golpe surpreendente no seu centro de gravidade (MATTOS, 1986).



### 3.2 INTERAÇÕES DOS ATORES NA PRIMEIRA CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN

Em 1954, o Exército de Libertação Popular (PLA)<sup>19</sup> bombardeou durante dias a ilha de Quemoy, assegurando o desembarque de quase 150.000 soldados. Esse ataque marcou o início da beligerância da Primeira Crise no Estreito de Taiwan, quando 43.000 soldados da RC foram enviados para a defesa de Quemoy (MATSUMOTO, 2012). Esse fato deixa-nos com a percepção de que com os citados ataques, foi posto em prática a efetiva aplicação real da Estratégia de Ação Direta teorizada por Clausewitz no entorno estratégico de Taiwan.

### 3.3 OS TRÊS OBJETIVOS DA RPC AO INICIAR A CRISE

Ao depreendermo-nos um pouco mais de atenção ao conflito, deparamo-nos com três objetivos estratégicos da RPC.

O primeiro, procurou mitigar o risco representado pela concretização da aliança entre os Norte-americanos e a RC, objetivando interromper a negociação entre os dois ao deflagrar a crise. Desde 1954, a RPC expressou explicitamente sua determinação de “libertar Taiwan”. O comandante-geral do ELP argumentou que a formação da aliança de segurança, ou seu ingresso numa estrutura de segurança multilateral ameaçaria os interesses da China continental (MATSUMOTO, 2012).

Em segundo lugar, a RPC temia que Taiwan pudesse aderir a uma estrutura de segurança regional, pois o governo dos EUA chegou a mencionar que a RC poderia mais tarde participar da Organização do Tratado do Sudeste Asiático (SEATO), que estava para ser criada em 1954.

---

19 O PLA, era composto pelo PLA Ground Forces (PLAGF) representando o Exército; PLA Navy (PLAN) a Marinha; PLA Air Force (PLAAF) a Força Aérea e pelo PLA Secondary Artillery (SA) -Segundo Corpo de Artilharia. (SHAMBAUGH, 2002).

Em 11 de agosto de 1954, Zhou Enlai<sup>20</sup> (1898-1976) manifestou preocupação nos assuntos externos, afirmando que recentemente os norte-americanos e Chiang Kai-shek reuniram-se em Taipei e Washington, a fim de elaborar um pacto de defesa conjunto. Segundo posicionamento da RPC, convidar Taiwan para acordos de segurança multilaterais e bilaterais era uma afronta a sua soberania e liberdade (MATSUMOTO, 2012).

É provável que a RPC tenha iniciado a operação militar para “libertar Taiwan” com o intuito de barrar tais iniciativas, pois começou seu bombardeio contra Quemoy no instante em que as partes da SEATO estiveram presentes para concluir o tratado em Manila (MATSUMOTO, 2012).

Em terceiro, o início da crise se deu pelo risco traduzido pelo conceito de “três frentes”. Observou-se que a RPC poderia ser atacada em três pontos: na Península Coreana, na Indochina e em Taiwan. Além disso, a RPC acreditava que o alcance militar dos norte-americanos, desde a península coreana até o sudeste da Ásia, ainda não estava pronto para ofensiva, sendo o momento adequado para explorar a falha da estratégia militar dos estadunidenses (MATSUMOTO, 2012).

Interessante faremos um paralelo com a nossa menção à Teoria da Ação Indireta, no ponto que Sun Tzu afirmou em sua teoria que a iniciativa na seleção do campo da batalha coloca-nos em vantagem. De forma geral, os militares conduzem o inimigo ao campo de batalha que selecionaram, estudaram e fortificaram, evitando aqueles escolhidos pelo oponente (MATTOS, 1986).

---

<sup>20</sup> Zhou Enlai foi primeiro-ministro da RPC, atuando como chefe de governo entre outubro de 1949 e janeiro de 1976. Foi um notável líder do PCC, sendo uma das pessoas mais próximas do Presidente Mao Tse-Tung, além de personagem crucial na ascensão e consolidação do Partido Comunista no poder. Competente diplomata, conduziu o Ministério das Relações Exteriores da China de 1949 a 1958 (PLETCHER, 2021).

Assim sendo, parece-nos que a opção da RPC de atacar primeiro a ilha de Taiwan, mantendo-se na iniciativa das ações do Teatro de Operações de sua preferência, corrobora o que dissemos, pois a PRC, com seu extenso litoral poderia ser invadida pelo litoral desde o Norte até o Sul do continente (MATTOS, 1986).

O bombardeio de Quemoy por RPC surpreendeu os Estados Unidos da América que não considerou necessidade da retomada das ilhas offshore, pois havia sido acordado de intervir apenas para defender Taiwan e Pescadores. Nesse caso, os Estados Unidos da América não dispunham de resposta estratégica imediata ao conflito, pois existia discordância interna do governo dos EUA sobre a importância das ilhas offshore como Quemoy (MATSUMOTO, 2012).

Não obstante, cabe-nos tecer um breve comentário a respeito do equívoco norte-americano, pois parece que os ensinamentos de Mahan, a respeito da importância do fator geográfico com a obtenção e controle de ilhas, estreitos e rotas marítimas não foram bem assimilados ou aplicados neste caso em questão.

Diante do bombardeio de Quemoy, a saída dos norte-americanos foi considerar que as ilhas offshore não eram essenciais, apesar de importantes, para a defesa de Taiwan e Pescadores do ponto de vista estratégico. Isso ocorre porque na opinião comum entre os planejadores militares seria difícil defender as ilhas offshore e Quemoy sem se envolver diretamente contra a RPC (MATSUMOTO, 2012).

O próprio presidente Eisenhower posicionou-se sobre a intervenção dos EUA para nas ilhas offshore, para ele o valor estratégico das ilhas não era considerável, exceto pelo fator psicológico e moral dos militares da RC. Uma intervenção dos EUA nas ilhas offshore poderia

gerar não apenas um confronto com a RPC, mas também uma guerra total entre norte-americanos e soviéticos. Eisenhower defendeu o uso de artifícios não militares para resolver a crise no Estreito de Taiwan (MATSUMOTO, 2012).

No sentido contrário, o secretário de Estado John Foster Dulles (1888-1959)<sup>21</sup> analisou que a conformação dos EUA pudesse encorajar a RPC, o que incentivaria suas atividades militares pondo em risco a soberania da RC em Taiwan, o que afeta o perímetro defensivo dos EUA no Pacífico Ocidental que inclui Japão, Taiwan e Filipinas (MATSUMOTO, 2012).

Corroborando a observação citada, façamos agora um rápido comentário para enriquecer nossa análise a respeito da visão da RPC sobre as possibilidades estratégicas das denominadas Primeira Cadeia de Ilhas ou Muralha às avessas. Destarte, o domínio sobre elas traria segurança e possibilidade de avanço em direção ao alto-mar, tal como fora preconizado por MAHAN.

Mesmo assim, o governo norte-americano propôs que as forças do RC deveriam ser evacuadas para evitar danos maiores, contudo Chiang Kai-shek recusou-se inicialmente a abandonar a ilha. O posicionamento de Chiang Kai-shek era coerente com o alinhamento estratégico traçado pelos próprios norte-americanos, ou seja sua relutância para abandonar Dachen era plausível, uma vez que foram motivados a fortalecer assentamento nela antes desta crise (MATSUMOTO, 2012).

Inclusive os norte-americanos aconselharam anteriormente a execução de planos de estudos destinado ao bloqueio da RPC. Desta forma, caso determinado, a liberdade do transporte marítimo da RPC nas proximidades de Dachen e outras ilhas offshore seria limitada antes mesmo da primeira crise eclodir seguindo o conceito de Muralhas às avessas.

---

21 Secretário de Estado norte-americano, uma das figuras de destaque na Guerra Fria. Seguiu uma política de inflexibilidade e ameaçou a ex-URSS diante de qualquer agressão que podia desencadear uma guerra nuclear.

No entanto, pudemos perceber que ao deflagrar a Primeira Crise do Estreito de Taiwan nas ilhas offshore, o governo estadunidense permaneceu estático, alterando sua ideia de manobra ao visualizar os problemas operacionais e os riscos envolvidos na defesa dessas ilhas (MATSUMOTO, 2012). Logo, podemos inferir que a discordância de Chiang Kai-shek em retirar suas tropas de Dachen tinha fundamento com a estratégia que vinha sendo induzida. Todavia, as forças da RC em Dachen, uma das ilhas bem próxima a Taiwan, foram forçadas a se retirar em fevereiro de 1955.

### 3.4 TRÊS INICIATIVAS DOS EUA PARA ACABAR COM A CRISE

Uma vez que a crise permaneceu, o governo Eisenhower adotou as seguintes iniciativas para mitigar a situação no Estreito de Taiwan: manobra diplomática nas Nações Unidas para conter a crise; a finalização do tratado de segurança entre os EUA e RC, além da aprovação da Resolução Formosa (MATSUMOTO, 2012).

Quanto à manobra diplomática, o governo dos EUA fez uso da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>22</sup> com apoio da Grã-Bretanha e Nova Zelândia ao apresentar ao Conselho de Segurança da ONU a resolução que aconselhava a RPC e a RC cessar o emprego da força e discutir a questão do Estreito de Taiwan na ONU (MATSUMOTO, 2012). Dessa forma, flagramos, nessa decisão norte-americana, a visão do emprego da doutrina da estratégia da Ação Indireta apresentada por Sun Tzun ao buscar vencer as pretensões da RPC sem precisar lutar.

O governo dos EUA defendeu a estratégia de manter o *status quo*, ou seja a situação de equilíbrio com a RPC ocupando a China continental e a RC com soberania sobre Taiwan

---

22 A Organização das Nações Unidas (ONU) foi fundada em 24 de outubro de 1945 é uma organização intergovernamental baseada no princípio da igualdade soberana de todos os seus estados cujo propósito é manter a paz, bem como promover a cooperação e o desenvolvimento mundial.

e nas outras ilhas offshore. Não obstante, os norte-americanos propuseram concluir um tratado de segurança com a RC, caso não dificultasse a solução pela ONU (MATSUMOTO, 2012).

No entanto, o governo da RC percebeu que manter o *status quo* aceitando o proposto pela ONU poderia ocasionar a criação de duas Chinas. Inferiu que a solução através da ONU também não seria acatada pela RPC que recusaria a discutir esse assunto, por considerar de âmbito interno (MATSUMOTO, 2012).

Como o impasse continuou, o Exército de Libertação Popular (PLA) escalou a crise ao voltar de forma mais enérgica as ações militares nas proximidades da costa das ilhas em novembro de 1954. Mesmo assim, devido ao receio de ser envolvido diretamente numa contenda interna e duradoura entre os chineses, a decisão dos Estados Unidos da América foi evitar que a RC revidasse os ataques bélicos da RPC (MATSUMOTO, 2012).

Conforme anteriormente mencionado, podemos notar que a estratégia de sobrevivência da RC estava na garantia dos compromissos de segurança com os estadunidenses, inclusive lembrou do significado estratégico para a RPC dessas ilhas como pontos de apoio para alcançar Taiwan e expôs que seria danoso permitir que caíssem nas mãos da RPC (MATSUMOTO, 2012).

A fim de garantir uma posição mais segura com relação ao envolvimento direto no conflito, conservando o *status quo* no Estreito de Taiwan, os norte-americanos restringiram a abrangência geográfica do Tratado de Defesa Mútua ao não incluir as ilhas offshore, dentre elas temos Quemoy, Matsu e Dachen (MATSUMOTO, 2012). Na ocasião, deixou claro que a finalidade do tratado era apenas defensiva e que os compromissos de defesa não iriam além de Taiwan e Pescadores. Cabe ressaltar o grande esforço logístico que seria, pois as Ilhas Pescadores são um arquipélago na costa oeste de Taiwan com 90 pequenas ilhas espalhadas numa área de 141 quilômetros quadrados (MATSUMOTO, 2012).

Mais uma vez causando surpresa, a PRC se opôs veemente a solução dos Estados Unidos da América pelo tratado e intensificou suas ações militares. Por essa razão, o Exército de Libertação Popular (PLA) retomou seus ataques contra Dachen em 10 de janeiro de 1955, quando a Ilha Yijiang foi conquistada pelo RPC (MATSUMOTO, 2012).

### 3.5 FIM DA ESTRATÉGIA DEFENSIVA DOS NORTE-AMERICANOS

Após tal fato, o governo dos Estados Unidos da América passou a adotar uma tática mais incisiva diante da perda de poder e influência no estreito de Taiwan com a conquista de pontos de apoio marítimos pela RPC. Nesse contexto, foi colocado em prática a Resolução Formosa<sup>23</sup>, destinada a controlar as Fronteiras e neutralizar a ameaça de invasão da RPC na RC (MATSUMOTO, 2012).

Pela resolução, o Presidente norte-americano Dwight D. Eisenhower foi autorizado a realizar todas as ações e recursos, inclusive o emprego militar, para defender a RC dos ataques da RPC, caso as ilhas próximas a Taiwan fossem atacadas pela RPC. Na realidade, o governo dos EUA já estava secretamente intervindo dificultando os ataques da RPC contra Quemoy e Matsu através de fornecimento de armas, treinamento militar e instalação de bases na RC (MATSUMOTO, 2012).

A Resolução de Formosa teve um papel fundamental na interrupção da escalada da agressividade e dos ataques bélicos que estavam em andamento, afastando o risco de se envolver em um confronto direto com a ex-URSS. A partir desse acordo, não restaram dúvidas

---

23 A Resolução deu, em 29 de janeiro de 1955, ao Presidente dos Estados Unidos da América autoridade para empregar as Forças Armadas conforme julgar necessário para proteger Formosa e Pescadores de ataques da RPC.

da disposição e consequências advindas ao desafiar o posicionamento firme do Estado considerado mais poderoso do mundo no que tange aos armamentos nucleares (MATSUMOTO, 2012).

### 3.6 ESTRATÉGIA DA DISSUASÃO NUCLEAR

Sobre este novo posicionamento estratégico estadunidense, é relevante retomarmos ao conteúdo do capítulo teórico, especificamente, na afirmação do General francês André Beaufre de que a estratégia total comporta uma combinação da Estratégia da Dissuasão Nuclear e da Ação direta de Clausewitz ao levar a guerra aos extremos.

Seguindo essa doutrina, os Estados Unidos da América ampliaram o programa de fabricação de armas, incluindo-se artilharia nuclear com canhões convencionais capacitados a operar projéteis nucleares com bases instaladas em território dos países aliados como a RC (MATTOS, 1986).

Podemos observar que o resultado da nova atitude dos Estados Unidos da América em represália aos ataques da RPC foi suficientemente significativo ao ponto de consolidar o cessar-fogo, objetivando discutir a questão sobre Taiwan. Dessa forma, as tratativas diplomáticas começaram ainda em julho de 1955 (MATSUMOTO, 2012).

Ao examinarmos com mais atenção, podemos notar que as tratativas para a paz e manutenção do *status quo* levava a anuência do reconhecimento da existência das duas Chinas no cenário internacional. A manutenção do equilíbrio de forças e o fim das hostilidades bélicas evitava o surgimento de um poder hegemônico chinês na região, tal como sugere a Teoria Realista nas Relações Internacionais adotada pelos norte-americanos (MINGST, 2014).



Assim, era importante para os estadunidenses assegurar prosperidade e poder pela negociação, fazendo com que a RPC renunciasse ao uso da força para resolver a desavença.

No sentido oposto, o governo da RPC recusou-se a aceitar o posicionamento dos EUA no que tange a questão de Taiwan, pois era considerado um assunto interno da China. Na opinião da RPC, concordar com os norte-americanos significaria reconhecer internacionalmente Taiwan como um ator independente, o que abriria caminho para a criação das duas Chinas (MATSUMOTO, 2012).

### 3.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Após efetuarmos uma breve análise neste capítulo, somos levados a inferir que a Primeira crise teve como resultado um impasse, uma vez que ambos os oponentes estavam insatisfeitos com a fronteira geográfica e até mesmo com a coexistência das duas Chinas. Mostrou que a Primeira Crise de Taiwan foi um catalisador para a disputa no Estreito de Taiwan.

Quanto ao governo norte-americano, não demonstravam grandes interesses na região até o início da Guerra da Coreia, quando pressentiu a possibilidade do avanço da ex-URSS. No entanto, a partir deste acontecimento, o governo de Eisenhower passou a apoiar não só a defesa, mas também dosar o ímpeto da RC na ofensiva e ambição de retorno ao continente chinês.

Com o passar do tempo, os Estados Unidos da América obtiveram melhor consciência situacional e adotaram três objetivos estratégicos: I) dissuadiu a RPC de atacar Taiwan; II) evitou que a RC contra-atacasse o continente, que levaria os Estados Unidos da América a guerra com o bloco comunista e III) manteve o *status quo* na região do Estreito de Taiwan.

Por fim, os Estados Unidos da América atuaram junto às Nações Unidas, concluíram o Tratado de Segurança com a RC e obtiveram a aprovação do Congresso da Resolução Formosa. No entanto, pudemos verificar que tanto RC, quanto a RPC não desejavam a criação de duas Chinas. Assim, ambos permaneceram insatisfeitos com o *status quo* que motivará novos conflitos, conforme veremos no próximo capítulo.

#### 4 FATOS PRECURSORES À TERCEIRA CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN (1995-1996)

No capítulo anterior, acompanhamos o encerramento das hostilidades bélicas da Primeira Crise no Estreito de Taiwan (1954-1955) engajadas em ilhas próximas a RC, conhecidas como Pescadores. Embora a questão da anexação de Taiwan ao continente tenha se tornado menos tensa, permaneceu inacabada e tratada pela RPC como assunto interno aos chineses, colidindo com os interesses norte-americanos.

##### 4.1 FALSO PRESSÁGIO DE PAZ

Os fatores motivacionais da Primeira Crise no Estreito de Taiwan não foram resolvidos, permanecendo a coexistência das duas Chinas em meio a dissidência de interesses Geopolíticos. Assim, os Estados Unidos da América adotaram a estratégia da Diplomacia Triangular<sup>24</sup> que resultou em afastamento destes dois Estados comunistas (FEDDERSEN, 2016).

A mudança de postura estadunidense teve como principal motivo a necessidade de conter a ameaça representada pelo avanço da ex-URSS no cenário internacional, agravado pelo risco da RPC sucumbir a um confronto direto com a ex-URSS. Tal decisão acabou frustrando os interesses da RC (FEDDERSEN, 2016). Essa estratégia foi reforçada pela constatação da RPC de que a ex-URSS não a apoiava suficientemente, culminando na interrupção das relações entre eles. Dessa forma, a RPC buscou desenvolvimento e tecnologias próprias, independente da ex-URSS (FEDDERSEN, 2016).

Em virtude desse cenário, o governo da RPC passou a perceber a ex-URSS como seu maior rival, isso por dois motivos: a existência da enorme fronteira terrestre com a ex-URSS, vulnerável de proteção, e cobiçada pela necessidade de recursos naturais e portos de

---

24 Consistiu na aproximação com a RPC, motivada pela percepção das autoridades norte-americanas de falta de sintonia e cooperação entre a RPC e a antiga União das Repúblicas Socialista Soviéticas (ex-URSS).

acesso ao mar sob águas descongeladas; e o segundo, a relutância de compartilhar armas nucleares e transferir tecnologia de ponta (KISSINGER, 2011).

O reatamento entre a RPC e os estadunidenses alterou o papel da RC no cenário internacional, uma vez que o regime liderado por Chiang Kai-shek teve seu assento na ONU substituído pelo governo comunista da RPC e, ao mesmo tempo suas relações oficiais com os Estados Unidos da América foram interrompidas em 1979, prevalecendo o princípio de “uma China” (JOINT, 1979).

Um olhar mais atento aos fatos mencionados evidencia, de forma clara, a colocação em prática da milenar Estratégia de Ação Indireta de Sun Tzu já citada em no capítulo teórico. Dessa vez, quem habilmente a utilizou foram os norte-americanos ao viabilizar por diversas formas, dentre elas a diplomática e política, a redução do poder da ex-URSS (MATTOS, 1986).

O estrategista defendeu a tese de que a batalha deveria ser vencida contornando o choque com as forças principais do inimigo. Essa observação doutrinária nos faz perceber a razão pela qual foi evitado o confronto militar direto entre essas duas superpotências nucleares.

Ainda sobre a estratégia de Ação Indireta de Sun Tzu, notamos que as relações entre RC e os norte-americanos a partir de 1979 não deixaram de ocorrer. Contudo, deu-se extraoficialmente para reforço da sua supremacia na região. Assim, deu-se continuidade a influência sobre Taiwan por ações executivas sem força de lei, porém suficiente para a permanência do comércio de armas (US, 1979). À vista disso, criou-se um clima mais ameno com massiva transferência de tecnologia na área de eletrônica embarcada (SHAMBAUGH, 2002).

Apesar do atual cenário de abertura política e fim da lei marcial na RC em 1987<sup>25</sup>, o desejo da RPC de assimilar Taiwan permaneceu, embora não pela força militar, mas pela integração econômica e arranjo político-institucional. Houve a criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEE)<sup>26</sup>, permitindo investimentos dos empresários taiwaneses no continente, incluindo a concretização de Regiões Administrativas Especiais com suporte político e social conjunto (FEDDERSEN, 2016).

Mais uma vez, confirmamos a presença da Estratégia da Ação Indireta executada desta vez pela RPC. Cabe-nos lembrar ao que foi dito no capítulo teórico no que tange à menor preocupação com técnicas, táticas operacionais e a luta em si, em detrimento da intensificação das normas e diretrizes focadas na vitória definitiva ao estilo chinês paciente-mente aguardada.

#### 4.2 O FIM DA BIPOLARIDADE DURANTE E CRISE TAIWANESA

Na seção anterior, vimos que a maior aproximação dos Norte-americanos à RPC abrandou a luta armada entre a RPC e a RC, permitindo a manutenção do *status quo* e, até mesmo, uma integração econômica. Nesta seção, testemunharemos que o fim da bipolaridade no Sistema Internacional ocasionará amenização das disputas entre os estadunidenses e a ex-URSS, modificando substancialmente a relevância da boa relação com a RPC, refletindo na disputa pela posse de Taiwan.

---

25 A Lei Marcial na República da China ocasionou a supressão de dissidentes políticos em Taiwan num período de 38 anos, iniciado em 1949 e terminada somente em 1987.

26 A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do mar (CNUDM) estabelece em seus artigos 55, 56 e 57 a definição de ZEE. É caracterizada por não se estender além das 200 milhas marítimas das linhas de base das quais se mede a largura do mar territorial. Nela o Estado costeiro possui direitos de soberania para fins de exploração e aproveitamento, conservação e gestão dos recursos naturais.

A fim de ratificar o que foi posto, citamos agora dois acontecimentos que na época deixaram claro o enfraquecimento da posição estratégica da RPC: a reação aos “Protestos da Praça de Tiananmen” e a Terceira Crise do Estreito (FEDDERSEN, 2016).

O primeiro apresentou a fragilidade político-diplomáticas da RPC em comparação as articulações dos norte-americanos. Nesse ponto, somos levados a perceber que sobre política e relações internacionais, devemos estar apto às mudanças de posicionamento, aos novos interesses e as trocas de aliados no sistema internacional Realista.

Já o segundo mostrou desatualização do Exército de Libertação Popular (ELP) e seu grande desafio para completar a reunificação nacional adotada como meta prioritária. Esta constatação é proveniente da intervenção estadunidense durante a Crise. Esta foi uma das principais motivações que levaram a RPC a mudar sua estratégia e incrementar a capacidade bélica (LIU, 2008).

Diante do que foi mencionado, cabe-nos a notação de que para a manutenção das garantias obtidas nos acordos entre Estados, faz se necessário dispor de capacidade econômica, tecnológica, coesão interna e, principalmente, militar. Destarte, discernirmos nesta passagem a relevância para a RPC do desenvolvimento, por meios próprios, da capacidade de emprego da já citada Estratégia de Ação Direta de Clausewitz.

Arriscamo-nos a identificar como elemento marcante das consequências do fim da Guerra Fria foi a reação aos “Protestos da Praça de Tiananmen”<sup>27</sup>, ocorridos em meados de 1989.

---

27 Estudantes foram reprimidos violentamente pela RPC, num massacre que recebeu o nome do lugar: a praça Tiananmen na capital da RPC (FEDDERSEN, 2016, p.7.).

Consequentemente, os Estados Unidos da América e seus aliados reagiram com embargo econômico em defesa da democracia e dos direitos humanos. Esse movimento demonstrou à RPC que seria necessário modificar sua estratégia e política no âmbito internacional. Passou a focar mais na integração regional e numa reestruturação de seu próprio desenvolvimento econômico, sem esquecer do desenvolvimento interno.

Diante dessas iniciativas, notemos o início da estratégia de liderança regional adotada pela RPC, conhecida por Antiacesso e Negação de Área (A2/AD)<sup>28</sup>. Vista de forma discreta, sem perseguir agressivamente a hegemonia regional nos moldes da doutrina de Sun Tzu. Embora não tenha sido esquecida as necessidades militares preconizada por Clausewitz na Estratégia da Ação Direta.

Uma nova contenda denominada de Terceira Crise do Estreito de Taiwan(1995-1996) trouxe de volta a importância bélica para a consecução de objetivos. Ao mesmo tempo, que os estadunidenses atingiram seu auge em termos da capacidade de *Soft Power* e *Hard Power* com o fim da Guerra Fria, tornando-se a única potência hegemônica no globo terrestre.

A causa foi creditada as movimentações diplomáticas separatistas de Lee Teng-hui, Presidente da RC. Aproveitou o declínio do valor da RPC na Estratégia de Contenção estadunidense para evitar anexação e assegurar a independência da RC (MARTINS, 2013). Logo, a presente crise teve como *estopin* a sua viagem para os Estados Unidos da América, em que discursou clamando pela democratização da RPC (ROSS, 2000). A ousadia foi vista pela RPC como uma afronta com aval estadunidense (GARVER, 1997).

---

<sup>28</sup> Estratégia A2/AD, é estratégia defensiva que visa o impedimento de acesso pelo inimigo a uma determinada área. Contudo, caso o sistema de defesa não seja capaz desse feito, objetivará a negação da área, limitando a liberdade de ação do inimigo. É uma estratégia assimétrica que emprega meios variados, inclusive não militares. É adotada, comumente, por um Estado mais fraco que o oponente. (FEDDERSEN, 2013, p. 17).

Diante dessa situação desafiadora, o Exército Popular de Libertação (EPL) da RPC realizou testes de mísseis próximo a Taiwan em 1995, quando conduziu exercícios navais que simulavam assaltos anfíbios, com a efetiva mobilização de tropas equipadas na província de Fujian.

Ao analisarmos essa resposta, somos instigados a identificarmos determinados objetivos estratégicos. Por exemplo, a primeira salva de mísseis disparados teve como objetivo enviar um sinal claro ao governo do presidente Lee Teng-hui; a segunda rodada de testes de mísseis, no início de 1996, supostamente pretendeu intimidar o eleitorado taiwanês antes das eleições presidenciais no mesmo ano (FEDDERSEN, 2016).

Essas ameaças significaram, tanto o emprego da Estratégia de Ação Direta com armas, quanto a Estratégia da Ação Indireta na área psicossocial por parte da RPC constantes no capítulo teórico. É possível acreditarmos que os efeitos de desgaste na sociedade e nas forças armadas de RC foram eficazes. Inclusive houve notório impacto na economia com mercado de ações caindo 17%, que ocasionou perda de quantidade significativa de capital e queda dos preços dos imóveis durante a crise (FEDDERSEN, 2016).

Sendo assim, os norte-americanos reagiram energicamente despachando dois Carrier Strike Group (CSG)<sup>29</sup> que rumaram para o Estreito de Taiwan e evitaram uma invasão na ilha (ROSS, 2000). Diante desta constante demonstração de força por parte dos estadunidenses, podemos pressupor que a existência das duas Chinas, ou seja o controle de um aliado e instalação de bases militares estrategicamente posicionada, mantida apenas por meio da coerção, correspondeu aos ensinamentos doutrinários de Sun Tzu.

---

<sup>29</sup> Grupo de navios de superfície e submarinos que atuam no entorno de um Porta-Aviões cuja mobilidade, independência operacional, velocidade, resistência, alcance do armamento permite conduzir uma ampla variedade de operações de ataque (SPELLER, 2014).



A apuração da crise permitiu nova consciência situacional à RPC. Com a presença dos CSG, não seria exequível enfrentar os estadunidenses numa simetria bélica. Assim, a RPC moldou suas Forças Armadas com base na guerra assimétrica que levaria a desgaste e alto custo, a fim de inibir a liberdade de ação inimiga em sua área marítima regional (A2/AD).

#### 4.3 ELEMENTOS PARA ANÁLISE DA ATUAL ESTRATÉGIA MILITAR CHINESA

Na última seção, identificamos a percepção da RPC sobre a necessidade de focar no regionalismo asiático, no seu desenvolvimento interno e modernização bélica. O que correspondeu a Estratégia de Ação Indireta de Sun Tzu e a correlacionada tática A2/AD, traduzida na habilidade de travar e vencer guerras assimétricas regionais sob tecnologias modernas de negação de área, diante da capacidade de projeção de força norte-americana (RPC, 2015).

A esse respeito, cabe destacarmos a correlação entre os investimentos e os históricos conceitos do estrategista Sun Tzun. Já inferimos que suas reflexões estratégicas levam, tanto ao detalhado conhecimento do inimigo, quanto à perene adaptação e preparo para batalhas. Por fim, constatamos, em relatos, a busca pela consciência situacional referente as novas ameaças:

Conforme o centro de gravidade econômico e estratégico do mundo muda cada vez mais rápido para a região da Ásia-Pacífico, os EUA prosseguem com a sua estratégia de "rebalanceamento" e reforçam sua presença militar e suas alianças militares na região. O Japão não está poupando esforços para se esquivar do mecanismo do pós-guerra, revendo suas políticas militares e de segurança. [...] Terrorismo regional, o separatismo e o extremismo são disseminados. Todos estes têm um impacto negativo sobre a segurança e a estabilidade ao longo da periferia da China<sup>30</sup> (RPC, 2015, p.2.).

---

<sup>30</sup> Tradução do autor: "As the world's economic and strategic center of gravity shifts ever more rapidly towards the Asia-Pacific region, the US continues its "rebalancing" strategy and strengthens its military presence and military alliances in the region. Japan is sparing no effort to evade the post-war mechanism by reviewing its military and security policies. [...] Regional terrorism, separatism and extremism are widespread. All of these have a negative impact on security and stability along China's periphery".

#### 4.4 ELEMENTOS DA ATUAL ESTRATÉGIA MILITAR NORTE-AMERICANA

Quanto aos norte-americanos, podemos inferir que a partir do fim da Guerra Fria ocorreu desmobilização de contingentes dispersos, em virtude da ausência de grande inimigo estatal. Passou-se a ter que suportar forças marítimas em áreas litorâneas distantes para influenciar nas operações em terra nos diversos pontos chave do globo. Justamente nessas missões, destacaram-se os porta-aviões.

No entanto, aprimoramento das técnicas A2/AD, dificultou a exequibilidade do cumprimento da missão e seu uso na projeção de Poder. O estado da arte do emprego dos meios e mísseis cruzadores lançados de terra ou de destróieres na estratégia A2/AD resultaram na saturação das defesas dos Carrier Strike Group (CSG), reduzindo ou até mesmo impedindo a liberdade dos estadunidenses na área disputada.

Partindo dessa noção de que poderia ter sua capacidade de projeção de força negada, os norte-americanos incorporaram a teoria baseada no ataque em profundidade. Melhor dizendo, no território inimigo além do teatro de operações, desabilitando comunicações, destruindo radares, centros de lançamento de mísseis e a estrutura estatal vital.

Ainda sobre a consecução dessas ações, presenciamos a Estratégia de Ação Direta com ataque por aeronaves de guerra eletrônica equipadas com mísseis anti-radiação, incluindo escoltas de superfície e submarinos equipados com mísseis balísticos. Os objetivos seriam os sistemas de comunicações e radares inimigos com intuito de impedir a sua guiagem de armamento. Com isso, deduzimos que para inutilizar os sistemas do A2/AD seria preciso golpear antecipadamente, propiciando a liberdade de ação na zona contestada (MACHADO; SIMIONATO, 2015).

#### 4.5 ESTRATÉGIA DE AÇÃO NUCLEAR

Iniciamos esta seção lembrando-nos da Teoria Realista das Relações Internacionais, a qual sugere aos Estados defenderem seus próprios interesses e combater por sobrevivência, utilizando todos os mecanismos de poder disponíveis. Com isso, testemunhamos a importância das armas nucleares no sistema internacional (MATTOS, 1986).

Nesse contexto, reparamos que o aparato nuclear tornou-se elemento de poder, restrito aos Estados possuidores que gozam segurança e projeção mundial. Depreendemos desse fato, que o inquestionável poder da tecnologia nuclear oferece maior respeito e reflexo vantajoso nas diversas relações internacionais.

Dessa forma, notemos que cada Estado depende apenas de si mesmo para manter o *status quo*. Nesse sentido do Realismo, aquele que não é temido, não é respeitado. As armas nucleares, tanto dos norte-americanos, quanto da RPC já desenvolvida foram assimiladas como fator imponente na política externa.

A obtenção da capacidade da RPC obrigou os norte-americanos agirem com maior cautela em comparação a Primeira Crise do Estreito de Taiwan(1954-1955), quando testemunhamos que a coerção com a arma nuclear foi eficaz para a manutenção do *status quo* na região.

Entretanto, os norte-americanos na presente crise limitaram-se a vigiar as pretensões bélicas da RPC, seus testes nucleares e de mísseis próximos a RC, contando com apoio das várias bases instaladas em territórios de aliados no entorno marítimo da RPC, apesar de possuírem o maior arsenal nuclear do mundo. Em poucas palavras, constatamos que a Estratégia de Ação Direta usada na Primeira crise teve que ceder lugar a Estratégia de Ação Indireta chinesa na terceira crise.

#### 4.6 CONSIDERAÇÃO PARCIAL

Ao longo do trabalho, caracterizamos as estratégias da PRC, RC e norte-americana num período inicial de relativa paz e cooperação econômica ocasionada pela conveniência de se unirem diante da ameaça do avanço da ex-URSS. Toda via, com o esfacelamento repentino da ex-URSS, inimigo comum, a atenção dada à RPC pelos estadunidenses mingou e, a partir de então, os choques de interesses voltaram a emergir. Assim, de um lado, vimos a RPC buscando ampliar domínio e de outro a RC e os norte-americanos mantendo o *status quo*.

Não obstante, apresentamos breve explanação das estratégias adotadas pelos atores estatais, discorrendo pelos extremos da milenar Estratégia de Ação Indireta chinesa, indo até a agressiva Estratégia Nuclear. Finalmente, correlacionamos tais acontecimentos ocorridos no Estreito de Taiwan com as doutrinas por nós analisadas em nosso capítulo teórico sempre que exequível viabilizando o adequado entendimento dos fatos.

## 5 ANÁLISE COMPARATIVA DAS DUAS CRISES

No atual capítulo faremos uma breve análise comparativa das ações de cada ator estatal durante a Primeira Crise no Estreito de Taiwan(1954-1955) e a Terceira Crise no Estreito de Taiwan(1995-1996), ambas citadas ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Essa comparação objetiva extrairmos algumas similaridades e singularidades relacionadas aos eventos. Dessa forma, iniciaremos apontando os aspectos similares mais relevantes e, logo na sequência, apresentaremos as singularidades constatadas.

### 5.1 SIMILARIDADES

A respeito das crises presenciadas no estreito de Taiwan, apesar de haver diferenças, é pertinente considerarmos como um único conflito persistente e inacabado, uma vez que os atores e seus interesses estratégicos praticamente não se modificaram. Sobre esse prisma, torna-se interessante apontarmos algumas contundentes similaridades entre as crises citadas.

Dentre elas, vimos nas duas crises estudadas uma imutabilidade no plano vislumbrado por Chiang Kai-shek relativa a assegurar o apoio dos estadunidenses por meio de acordos de segurança e defesa mútua que, ao mesmo tempo, impediu que passassem a apoiar a RPC.

Como um outro fator apreciado, temos a busca pela RPC em ambas as crises da mitigação do risco representado pela concretização da aliança entre os norte-americanos e a RC. Nesse sentido, acompanhamos a tentativa da RPC de interromper as negociações entre eles, mantendo-se firme na sua intenção de, segundo ela, libertar o povo de Taiwan desde de 1954.

Ademais, a opção da RPC de executar exercícios militares em ilhas próximas de Taiwan, deixou-a com a iniciativa das ações por meio da escolha do Teatro de Operações de sua preferência, teve razão na perene preocupação defensiva avaliada nas duas crises em razão do seu extenso litoral onde poderia ser invadida desde o Norte até o Sul.

Cabe ressaltar que, embora a RPC tenha efetivamente atacado e até invadido ilhas próximas a Taiwan, a RPC não ousou confrontar diretamente o poder dos norte-americanos em nenhuma das crises.

Nesse contexto, ratificamos a disposição dos estadunidenses nos dois conflitos examinados ao enviar a Sétima Frota da Marinha do Pacífico para evitar confronto militar desenfreado entre a RPC e a RC nas duas ocasiões. A RPC concluiu em cada crise que não lhe seria exequível enfrentar os Norte-americanos numa simetria bélica com a presença dos CSG.

Corroborando o que averiguamos, a adoção da Estratégia norte-americana da Ação Indireta nos moldes de Sun Tzu, a fim de assegurar com mais cautela o *status quo*, por vezes cedeu lugar a Estratégia da Ação Direta trazida por Clausewitz, quando começaram os ataques ou exercícios militares da RPC nas proximidades de Taiwan ocorridos nas duas contendas.

Além disso, os norte-americanos visualizaram que seria difícil defender as ilhas offshore e Quemoy sem se envolver diretamente contra a RPC nas duas crises. Destarte, considerou nos acordos apenas a sua reação bélica em caso de ataque a Taiwan. Nas duas ocasiões, deixou claro que a finalidade do tratado era apenas defensiva e que os compromissos de defesa não iriam além de Taiwan.

Contudo, o governo estadunidense manteve constante suporte militar à RC no que tange ao fornecimento de armas modernas, treinamento militar e instalação de suas bases na ilha de Taiwan ao longo das duas crises. Dessa forma, dificultou ampliação dos ataques da RPC

para além de Quemoy e Matsu. Assim, manteve o *status quo*, impedindo a criação de um Estado hegemônico unificado concorrente na região.

O governo da RPC permaneceu discordante do posicionamento estadunidense no que tange a emancipação de Taiwan, pois considerou assunto interno chinês. Segundo a RPC, concordar com os norte-americanos significaria reconhecer a RC como um ator independente, o que tornaria exequível a formação das duas Chinas.

Por fim, duas observações sobre as crises são passíveis de assimilarmos. A primeira delas apontou que os norte-americanos mantiveram o *status quo* na região ao impedir a incorporação de Taiwan ao continente e formação de Estado hegemônico. Quanto a segunda, tanto RC, quanto a RPC não desejavam a formação de duas Chinas, ambos permaneceram insatisfeitos com o *status quo* capaz de fomentar novos conflitos.

## 5.2 SINGULARIDADES

Conforme pudemos descortinar na seção anterior, diversos fatos similares sucederam nas duas crises exploradas. Da mesma forma, existiram singularidades, sobre as quais destacaremos nesta seção as mais relevantes.

Houve o efetivo bombardeio e desembarque de soldados nas ilhas de Quemoy pelo Exército Popular de Libertação (PLA) apenas na primeira crise em 1954. Esse ataque marcou a beligerância restrita à Primeira Crise no Estreito de Taiwan em (1954-1955), quando 43.000 soldados da RC foram enviados para a defesa de Quemoy (MATSUMOTO, 2012).

Depreendemos que na primeira crise, o cenário político foi mais favorável aos planos de Chiang Kai-shek de elevar o nível da crise de política e diplomática para militar, nos moldes de Clausewitz, devido ao suporte mais evidente e aliança mais solidificada com os norte-americanos.

Em contrapartida ao exposto sobre a primeira crise, também encontramos receio por parte dos estadunidenses da ex-URSS entrar diretamente no conflito intencionando ampliar sua zona de influência defendendo a RPC. Em decorrência, a RPC esperava contar com o apoio da ex-URSS ao se contrapor aos interesses norte-americanos incorporando Taiwan no desenrolar da Primeira crise.

Quanto à terceira crise, não presenciamos esse receio, pois o sistema internacional tornou-se unipolar após o fim da Guerra Fria. Não obstante, a falta de sintonia entre ex-URSS e RPC mostrou-se clara e agravada com a não transferência de tecnologia bélica à RPC. Conseqüentemente, a RPC buscou e alcançou desenvolvimento econômico, tecnológico e bélico autônomo, tornando-se mais um imponente ator internacional após alguns anos.

Um olhar mais atento, permitiu-nos avaliar que o uso da arma nuclear na primeira crise foi cogitado e disseminado pela Resolução de Formosa de maneira eficaz numa estratégia de coerção que inibiu a RPC. Porém, o emprego dessa tecnologia não pode ser considerado na terceira crise, devido ao estágio de evolução tecnológica da RPC, que abrange testes de mísseis e arma nuclear, além da integração econômica e produtiva a nível mundial.

Conforme citado, a terceira crise difere da primeira por existir tecnologia capaz de criar laços de dependência econômica e produtiva, agregada a entraves a livre liberdade de navegação regional aos seus oponentes com emprego de meios e mísseis lançados de terra ou de destróieres. Corroborando ao que foi dito, constatamos que o aprimoramento das técnicas da Estratégia de Ação Indireta denominada de A2/AD trouxeram dificuldades para os CSG cumprir sua missão de projetar Poder, conforme podemos ver na (FIG. 1, ANEXO A).

Encerrando a nossa análise, testemunhamos mais um diferencial entre as duas crises estudadas, quando os norte-americanos incorporaram a teoria baseada no ataque em



profundidade partindo de pontos de apoio. Melhor dizendo, no território inimigo além do teatro de operações. Em poucas palavras, constatamos que a liberdade do uso da Estratégia de Ação Direta usada na Primeira crise, teve que se restringir a prudente e diversificada Estratégia de Ação Indireta de Sun Tzu na terceira crise.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que expomos, somos levados a fazermos algumas colocações finais pertinentes observadas ao longo do nosso trabalho. Logo no início, sentimos necessidade de justificarmos nossa atenção dedicada à região, dado a relevância do litoral marítimo da costa chinesa no cenário internacional. Não obstante, protagoniza com desenvoltura cada vez mais intensa em diversas áreas que, somadas, influem no futuro geopolítico internacional. Dentre elas, dado a notoriedade, sublinhamos apenas: a econômica; a industrial e a militar.

No capítulo introdutório, vimos a preocupação e a influência que as crises no Leste asiático causam no planeta cada vez mais dependente e conectado pela globalização no que tange ao consumo, investimento e produção industrial integrada à RPC. Sendo desse fato, a principal razão que nos levou a buscarmos maior entendimento a cerca desses atritos que perduram até a atualidade.

Posteriormente, apresentamos no terceiro e no quarto capítulo o desenvolvimento da participação de cada ente estatal nas duas crises estudadas, sempre buscando agregar conhecimento ao correlacionar os fatos históricos ocorridos com os interesses e as doutrinas, analisadas no segundo capítulo teórico destinado a ratificar o emprego das doutrinas durante as ações de cada ator estatal partícipe.

Consecutivamente, a partir do quinto capítulo, tornamo-nos capazes de comparar analiticamente, com base nas estratégias de Ação Indireta, Ação Direta e Nuclear, os objetos da nossa dissertação, sendo eles a Primeira Crise no Estreito de Taiwan e a Terceira Crise no Estreito de Taiwan (1996). Expusemos didaticamente nessa ocasião quais foram as similaridades e singularidades encontradas em cada uma das duas crises analisadas, o que nos tronou

possível responder ao nosso questionamento sobre as similaridades e singularidades entre os eventos.

Assim sendo, a primeira crise permitiu a RC maior articulação diplomática com apoio dos estadunidenses ainda na Guerra Fria (1947-1991), já que pressentia perda de influência para a ex-URSS. O clima tenso com algumas ilhas efetivamente bombardeadas e invadidas pela RPC, com maior atitude bélica nessa crise em particular, foi amenizado somente após os norte-americanos enviarem a Sétima Frota do Pacífico com CSG e ameaçarem empregar a arma nuclear.

Quanto a Terceira Crise no Estreito de Taiwan (1995-1996), a presença da ex-URSS passou a não ser sentida devido ao seu colapso no final da Guerra Fria, isso propiciou momentaneamente: a aproximação por interesses da RPC e com os estadunidenses; a rarefação da crise; a cooperação e desenvolvimento. Essa situação perdurou até que a RPC tenha se tornado uma potência regional capaz de amalgamar pontos marítimos estratégicos gerando desequilíbrio e novas disputas que vem se agravando na atualidade.

Finalmente, inferimos que apesar de existirem pontos similares entre as crises, podemos concluir, em nossas considerações finais, de que algumas singularidades diferenciaram as duas crises ao induzir maior cautela e limitação na imposição por parte dos norte-americanos. Citamos dentre elas: a ascensão da RPC como potência econômica; a globalização com dependência integrada da produção e consumo mundial e o incremento bélico da RPC.

Em virtude do impasse ainda perdurar na atualidade, deixamos a sugestão da concretização de uma análise num futuro trabalho sobre o tema relacionado à possível mudança de abordagem estratégica da Ação Indireta para uma mais agressiva como a Nuclear por parte da RPC.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. **MD 51 – M-04: Doutrina Militar de Defesa**. Brasília, 2007.

FEDDERSEN, Gustavo Henrique. **China e Taiwan: evolução das relações interestreito**. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) — FCE, UFRGS, Porto Alegre, 2013. <<http://hdl.handle.net/10183/96375>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

FEDDERSEN, Gustavo. **China-US Strategic Interaction Involving Taiwan: Elements for a current analysis**. Jornal conjuntura Astral. Porto Alegre, 2016, v.7, n.33-34. p.61-74. dez. 2015/mar. Acesso em: 02 abr. 2022.

FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255 p.

GARVER, John W. **Face Off: China, the United States and Taiwan's democratization**. Seattle: University of Washington Press, 1997, 193p.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996.

**JOINT Communiqué of the United States of America and the People's Republic of China**. Shanghai, February 27, 1972. Disponível em: <http://www.taiwandocuments.org/communique01.htm>. Acesso em: 02 mai. 2022.

**JOINT Communiqué on the Establishment of Diplomatic Relations between the United States of America and the People's Republic of China**. Beijing, January 1, 1979. Disponível em: <http://www.taiwandocuments.org/communique02.htm>. Acesso em: 02 mai. 2022.

KAPLAN, Robert. **A Vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. cap. XI (A Geografia do Poder Chinês).

KISSINGER. **Diplomacy**. Nova York: Simon & Schuster Paperback, 1994.

KISSINGER. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KREPINEVICH, Andrew; WATTS, Barry; WORK, Robert. **Meeting the Anti-Access and Area-Denial Challenge**. Center for Strategic and Budgetary Assessments. Washington D.C.: CSBA, 2003. Disponível em: <<http://www.csbaonline.org/wp-content/uploads/2011/03/2003.05.20-Anti-Access-Area-Denial-A2-AD.pdf>>. Acesso em 07 mai. 2022.

LIU, H. C. K. **US-China: Quest for Peace – Korea: Wrong War, Wrong Place, Wrong Enemy. Independent Critical Analysis and Commentary**, 2004. Disponível em: <<http://henryckliu.com/page94.html>>. Acesso em 15 maio 2022.

LIU, Y. **The Centenary of the Air Force. Chinese Law and Government**, Janeiro-Fevereiro 2008. v. 41, n. 1, p. 15-58, ISSN 0009-4609.

MACHADO, Luis Rodrigo; SIMIONATO, Guilherme. **Grande Estratégia e Conceitos Operacionais no Pensamento Estratégico Estadunidense Frente à Ascensão da China**. Anais do I Seminário Internacional de Ciência Política. Porto Alegre, 2015.

MARTINS, J. M. Q.; VISENTINI, P. F. **A Longa Marcha da Revolução Chinesa**. In: VISENTINI, P. F., et al. *Revoluções e Regimes Marxistas: Rupturas, Experiências e Impacto Internacional*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013. Cap. 3.4, p. 92-133.

MATSUMOTO, Haruka. **The First Taiwan Strait Crisis and China's "Border" Dispute Around Taiwan**. Slavic Research Center, Hokkaido University. Vol 3. Special Issue, 2012. Disponível em <http://hdl.handle.net/2115/50964>. Acesso em: 11 mai. 2022.

MINGST, Karen A. **Princípios de Relações Internacionais**. Tradução de Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 6ª Edição, 2014. cap. 1-5 e 7.

MATTOS, Carlos de Meira. **Estratégias Militares Dominantes**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986. 100p.

PLETCHER, Kenneth. **Encyclopaedia Britannica**: Zhou Enlai. 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Zhou-Enlai> . Acesso em: 23 abr. 2022.

PRC State Council, **China`s Military Strategic**. University of Southern California(USC). US-China Institute, 2015 <https://china.usc.edu./prc-state-council-chinas-military-strategy-2015-may-26-2015>. Acessado em 19 Jul de 2022.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. **China's Military Strategy**. State Council Information Office of the People's Republic of China. Pequim. 2015.

ROSS, Robert S. **The 1995-96 Taiwan Strait Confrontation: coercion, credibility and the use of force**. *International Security*. Fall 2000, pp. 87-123.

SHAMBAUGH, David. **Modernizing China's Military: Progress, Problems, and Prospects**. Los Angeles: University of California Press, 2002.

SPELLER, Ian. **Understanding Naval Warfare**. New York: Routledge, 2014. 217 p.

TERRILL, Ross. **MAO: A Biography: Revised and expanded edition**. New York: Stanford University Press, 2000. 576 p.

UNITED STATES OF AMERICA-US. Congress. **Taiwan Relations Act: Public Law 96-8**, 96th Congress. Washington, DC, Jan. 1, 1979. Disponível em: <<http://www.ait.org.tw/en/taiwan-relations-act.html>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

UNITED STATES OF AMERICA-US. **The "Six Assurances To Taiwan"**. Washington, DC, July 1982. Disponível em: <http://www.taiwandocuments.org/assurances.htm>. Acesso em 27 mai. 2022.

UNITED States-China Joint Communiqué on United States Arms Sales to Taiwan. August 17, 1982.

VALADÃO, Rogéria. **Estados Unidos, Coreia do Norte e Importância das armas nucleares para o sistema internacional**. Universidade Federal da Integração Latino Americana. Foz do Iguaçu, 2019.

## ANEXO A

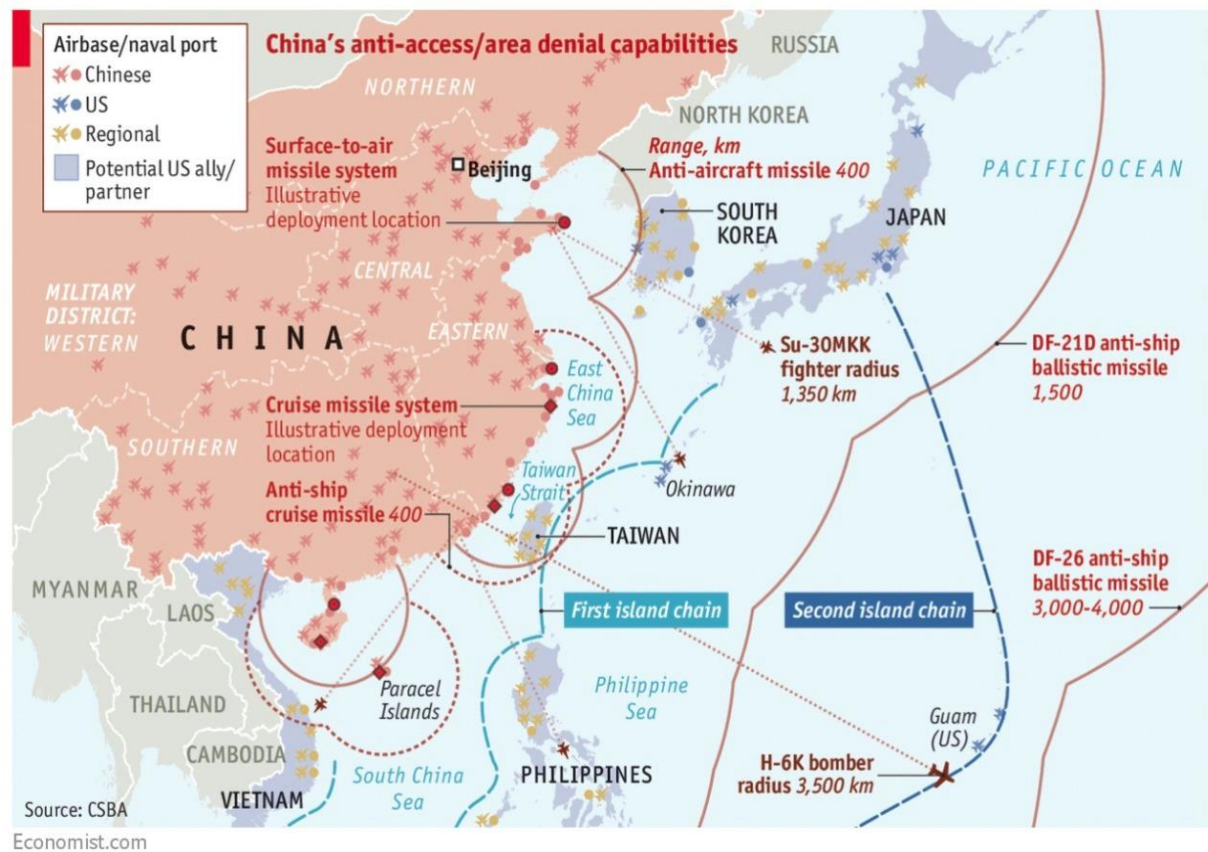


FIGURA 1 – Estratégia A2/AD da RPC com destaque para Primeira Cadeia de Ilhas, em especial o Estreito de Taiwan.

Fonte: <https://www.economist.com/>. Acesso em: 14 jul. 2022.